

Caderno Dois

“A crise econômica estrangulou o teatro profissional”

Passando por Vitória, onde assistiu a uma montagem local e participou do IV Congresso Brasileiro de Teatro Amador, o diretor Fernando Peixoto vê na administração Tancredo Neves a perspectiva de uma transformação capaz de salvar o teatro, “uma atividade criativa que hoje está sendo estrangulada pela crise econômica do país”.

“Ou se descobre uma nova forma de produzir profissionalmente o teatro ou ficaremos para sempre num beco sem saída”. A afirmação é de Fernando Peixoto, um dos mais destacados diretores e estudiosos de teatro do Brasil e que, na semana passada, esteve em Vitória para assistir à peça Woyzeke participar do IV Congresso Brasileiro de Teatro Amador, realizado, no Centro Cultural de Vila Velha. Peixoto marcou presença nos movimentos pró-modernização do teatro brasileiro, nas décadas de 60 e 70, quando surgiram os teatros de Arena e o Oficina, em São Paulo e o Teatro Opinião, no Rio de Janeiro.

Demonstrando desânimo em relação ao que hoje existe no teatro brasileiro e na cultura, de um modo geral, Fernando Peixoto diz que, na realidade, tem visto pouco teatro “devido a um certo desinteresse pelos espetáculos que estão sendo feitos”. Mas prefere não falar a nível de Brasil, já que sua vivência maior é entre Rio de Janeiro e São Paulo.

Sobre estes dois centros, tem a seguinte opinião: “Acho que dentro

de Rio e São Paulo a gente deve distinguir o trabalho profissional do não-profissional. A meu ver, o teatro profissional hoje no País — e aí Rio e São Paulo são centros essenciais de produção — está numa crise de estrutura mesmo. Eu diria: num beco sem saída. Evidentemente que isto é resultado da própria crise econômica do país, que se reflete no teatro ao ponto de estrangular a criatividade. Na verdade, hoje, você faz peças de dois ou três personagens, o que já reduz a temática, não pode ensaiar muito tempo porque custa caro; não escolhe peças que arrisquem nem aquelas que possam dividir a platéia, que já está pequena, porque o preço do ingresso sobe, não porque os empresários querem ganhar mais, e, sim, porque realmente a produção está muito cara. Enfim, é tudo um ciclo vicioso, que transforma a atividade profissional numa atividade que não avança dentro do projeto cultural”.

ALTERNATIVA

Fernando Peixoto entende que, nesse sentido, cabe ao teatro não-



Foto de Ailton Lopes

Fernando Peixoto: desanimado com a situação atual do teatro brasileiro

profissional, talvez, como já aconteceu em outras épocas no teatro brasileiro, retomar a hegemonia do processo de criação, “porque ele está livre do estrangulamento da bilheteria, da pressão da estrutura capitalista, do preço do ingresso, do pagamento do salário”, argumenta o diretor, para quem o teatro amador, possivelmente, tenha condições de liderar a pesquisa, a renovação, um teatro mais popular e atingir outras camadas de público.

Quando faz esta colocação, o diretor se recorda das experiências que viveu com os teatros de Arena e o Oficina, em São Paulo e o teatro Opinião, no Rio de Janeiro, mas observa:

— Eu diria que seria isso, mas veja uma diferença grande: naquela época tínhamos profissionalmente grupos que realizavam esta tarefa cultural, social e política. Quer dizer, grupos profissionais, empresas

estruturadas, segundo a lei do capitalismo, com salário, com patrão, com empregado, com tudo, mas que não abria mão da trajetória social, cultural e política de participação no processo. Foram os casos, sobretudo, do teatro de Arena, do Oficina e o Opinião, só para citar alguns exemplos.

“Eram estruturas profissionais. Ainda que naquela década a gente tenha sentido em determinado momento dificuldades de trabalhar profissionalmente e partido para aquela experiência do Centro Popular de Cultura, porque sentíamos que dentro da estrutura profissional estávamos limitados, era outra realidade. Grupos correspondentes a estes, hoje não existem. E quase nem mais existem os produtores de teatro neste sentido. Naquela época, o ator era produtor, o diretor era produtor, grupos de atores produziam. Hoje, de um mo-

do geral, os empresários não são nem isso. Na realidade, são pessoas estranhas ao teatro”.

Como consequência de todas as dificuldades hoje vividas pelo teatro profissional reserva-se a diminuição do público nas casas de espetáculos, comenta Fernando Peixoto: “o público, no máximo, vai em busca de uma mercadoria divertida, in-consequente, porque no fundo ele não encontra o que gostaria de ver. Tenho certeza de que ele está em busca de teatro, mas não encontra”.

Com a posse do novo presidente da República, Tancredo Neves, uma nova perspectiva de melhorias se abre para o teatro nacional, segundo Peixoto:

— Eu diria que não é somente a questão do teatro. A esperança é de que essa transformação do governo seja realmente uma transformação democrática, no sentido, sobretudo, de marchar para a Assembléia Constituinte. E aí, sim, acho que a produção cultural, em geral, vai se beneficiar muito, a começar pelo fim dessas leis que ainda impedem, e impedem mesmo, a liberdade de expressão. Estas leis estão todas armadas aí e podem ser usadas. Embora a Censura não venha sendo exercida de forma violenta, ela pode atuar a qualquer momento. A eliminação destas leis de exceção, o estabelecimento de uma Assembléia Constituinte que organize o país de forma democrática, pluralista, aberta, vai dar, certamente, um incentivo ao processo cultural e a possibilidade dos artistas terem uma participação muito mais forte dentro desse processo.

Uma outra área que provavelmente o governo Tancredo, “com mil e uma dificuldades”, vai modificar, segundo o diretor, é a estrutura econômica do país. “Você observa que nós começamos falando do estrangulamento econômico determinando o estrangulamento cultural. Quer dizer, se realmente a política econômica do governo for alterada, vão surgir novas perspectivas para o setor cultural”.

Para Fernando Peixoto, o que acontece hoje no Brasil é que a grande censura que existe sobre o teatro é a censura econômica, já que a produção cultural está inserida num contexto “tão repressivo, violento, dilacerante do ponto de vista econômico que o produto cultural está marginalizado e sofrendo”.

— Esse quadro que dei do profissional, por exemplo, é o que estava falando. Não é que você vá xingar o empresário. Ele é um empresário, tem que produzir

mercadorias, tem que produzir dentro daquilo que pode vender. Então, dentro deste quadro, tanto do ponto de vista de liberdade quanto do ponto de vista de economia já são duas coisas que certamente virão no Governo Tancredo porque ele está sendo colocado em função disso. Ou seja, esse fim do ciclo militar abre uma perspectiva também ao teatro inserido dentro disso. E espero que o teatro retome sua posição.

O diretor acrescenta “que o que a ditadura mais conseguiu em termos de teatro foi cortar o confronto do teatro, enquanto confronto com a realidade. Porque foi aí que a Censura caiu em cima. Não dá para se discutir a realidade objetiva do país. Ora, a grande função que esse teatro pode ter agora é realmente se voltar para o público que ele tem pela frente e que pode se ampliar justamente por causa disso já que estamos falando de público. E realmente estabelecer um diálogo com a platéia à luz da realidade, sem se deixar de fazer um teatro festa, alegria, prazer. Mas este teatro poderá ter a consequência da participação real. Isso já é um avanço que somente uma sociedade democrática pode ter”.

Fernando Peixoto observa que os novos atores que aparecem estão surgindo da situação hoje observada no teatro brasileiro e, apesar de tudo, tem visto bons talentos por tudo quanto é lado.

— Tenho assistido espetáculos com pessoas jovens e, às vezes, são extremamente bonitos. Os talentos estão por aí. Mas o grande problema está na forma de fazer teatro, que está em crise. Acho também que é uma crise que vem do país. Porém, nós esperamos que, com uma transformação do país, o teatro também se transforme. Tenho esperança, nesse sentido.

Essa é a primeira vez que Fernando Peixoto vem ao Espírito Santo e ele elogia a iniciativa de se promover encontros como o IV Congresso Brasileiro de Teatro Amador, realizado em Vila Velha. Ele acha que esses encontros, essas reuniões, sejam quais forem, são extremamente importantes. “O importante é a organização das coisas, dos movimentos. E essa é uma das formas mais eficientes, talvez, as pessoas se conhecem discutem”.